

saúde

Selo de qualidade

GLOBO

18 DEZ 1993

JOSÉ BARBOSA FILHO

A qualidade dos serviços prestados, tanto pela rede pública quanto privada, com algumas exceções, sofreu importante deterioração nessa última década e hoje está muito aquém do desejado, impondo uma reflexão profunda sobre o seu nível de qualidade.

Esse fato é do conhecimento de todos os segmentos da sociedade e muito pouco se tem feito para reverter essa situação. Em alguns hospitais, a falta de qualidade chega às raias do absurdo. Assim, podemos vivenciar profissionais de saúde mal preparados, tanto do ponto de vista ético quanto técnico, estruturas hospitalares arcaicas e/ou mal adaptadas, sem o mínimo de equipamento, onde, não raro, doentes em completo abandono convivem com as mais precárias condições de higiene.

São poucos os hospitais acreditáveis e com capacidade de compatibilizar a nossa realidade nosológica e sócio-econômica com serviços de bom padrão, passando aos pacientes a falsa certeza de que a equipe médica trabalha em ambiente adequado. Hoje, na grande maioria das vezes, o paciente conhece a competência do médico mas desconhece a qualidade do hospital onde sua vida está sendo manipulada.

O atendimento médico é uma

questão delicada e multifatorial e tem como meta promover, preservar e restaurar a saúde. Passa pelos procedimentos diagnósticos e terapêuticos, pelos resultados das intervenções cirúrgicas, pelo uso adequado de medicamentos, pelas características e nível de competência da equipe de profissionais (médicos, enfermeiras e administradores), pela estrutura hospitalar, pela utilização racional dos recursos tecnológicos, pelo respeito e convívio ético entre os médicos e entre estes e os pacientes. Envolve, também, intervenções invasivas e de alto custo, que prolongam a vida de forma artificial e não raro alteram o seu curso, em face do seu potencial de morbidade e mortalidade.

De acordo com o Council on Medical Services, da Associação Médica Americana, um atendimento é considerado adequado quando contribui, de forma consistente, para o aprimoramento ou para a manutenção da qualidade e/ou duração da vida.

Obviamente tudo isto tem um custo e alguém há de pagar por ele. Hoje a grande fonte pagadora é o Estado, secundada pelos seguros de saúde. Entretanto, devido ao conflito entre recursos tecnológicos e qualidade dos serviços prestados, o custo do atendimento médico vem crescendo de forma exponencial, colocando no vermelho sistemas de saúde pública de países com economia forte, como, por exemplo, o Canadá e a Inglaterra. No Brasil,

no entanto, esse problema é mais grave, pois, esse fato, aliado às questões políticas e à malversação das verbas públicas, está provocando o desmonte da medicina estatal. Ao nível da medicina privada, os altos preços dos planos de saúde estão tornando inviável, para o cidadão comum, o seu pagamento, tendo como causa principal o uso indiscriminado da parafernália tecnológica.

A acreditação tem por objetivo dar um selo de credibilidade às instituições médicas prestadoras de serviços, públicas e privadas, medindo a qualidade do atendimento por elas prestado, através de uma análise dos indicadores que avaliam a estrutura, o uso racional dos procedimentos e o binômio custos/resultados.

Preocupados com todos estes problemas, a exemplo do que já foi feito em outros países, a Academia Nacional de Medicina, o Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o Instituto de Medicina Social da Uerj acharam por bem levantar a questão da acreditação dos hospitais, promovendo debates, junto com os diversos segmentos das sociedades organizadas da área de saúde, sobre mecanismos que irão permitir analisar, de forma periódica e consistente, a qualidade da assistência médica prestada pela rede hospitalar do nosso país.

José Barbosa Filho é membro da Academia Nacional de Medicina.